



INTERNATIONAL  
INTEGRALIZE  
SCIENTIFIC

# Abril 2026

v. 6 n. 58

INTERNATIONAL INTEGRALIZE SCIENTIFIC ISSN/2675-520





INTERNATIONAL  
INTEGRALIZE  
SCIENTIFIC

**Abril 2026**

v. 6 n. 58

INTERNATIONAL INTEGRALIZE SCIENTIFIC ISSN/2675-520



## APRESENTAÇÃO

A International Integralize Scientific configura-se como um periódico científico mensal dedicado à difusão rigorosa e qualificada do conhecimento acadêmico. Com publicações predominantemente em língua portuguesa e contribuições consistentes em inglês e espanhol, a revista consolida-se como um espaço editorial multicultural, orientado ao diálogo científico internacional e ao fortalecimento da produção intelectual brasileira no cenário global.

Alinhada a elevados critérios de avaliação acadêmica, a revista privilegia a publicação de artigos inéditos de discentes e docentes provenientes de distintas áreas do saber, reconhecendo a ciência como campo plural e interdisciplinar. Cada manuscrito submetido passa por criteriosa análise técnico-científica em regime de avaliação por pares, assegurando integridade metodológica, consistência teórica e relevância social dos resultados apresentados. Dessa forma, a International Integralize Scientific reafirma seu compromisso institucional com a circulação responsável do conhecimento e com o fortalecimento da cultura de pesquisa.

Sua missão institucional consiste em promover a publicação e a disseminação de pesquisas inovadoras que contribuam efetivamente para o avanço científico e tecnológico, estimulando a reflexão crítica e o desenvolvimento de novas abordagens investigativas. A revista persegue a visão de consolidar-se como referência de credibilidade e excelência acadêmica no contexto internacional, valorizando a produção científica que se ancora em evidências sólidas, metodologias reconhecidas e padrões éticos elevados.

A governança editorial do periódico opera em plataforma Open Journal Systems (OJS), garantindo transparência processual, rastreabilidade, interoperabilidade com bases internacionais e aderência às melhores práticas em editoração científica. A revista possui registro ISSN nas versões impressa e digital e atribui Digital Object Identifier (DOI) a todas as publicações, mediante associação ativa à Crossref, assegurando autenticidade, persistência e ampla citabilidade internacional. Sua atuação editorial mantém alinhamento às boas práticas recomendadas por organizações científicas de referência e aos princípios éticos, técnicos e normativos que orientam a gestão de periódicos acadêmicos qualificados, incluindo diretrizes consolidadas no âmbito da normalização internacional.



Os valores que regem sua atuação editorial fundamentam-se no rigor científico, na ética acadêmica e na promoção de um ecossistema plural de saberes. A diversidade disciplinar, a integridade intelectual, a inovação, o impacto social da ciência e a construção de redes colaborativas entre pesquisadores de diferentes nacionalidades constituem pilares estruturantes do periódico. Ao incentivar a interlocução entre centros de pesquisa, universidades e comunidades científicas, a International Integralize Scientific contribui para o desenvolvimento de uma ciência aberta ao diálogo, orientada à melhoria contínua e sensível às demandas contemporâneas.

Sua periodicidade regular, o compromisso com padrões editoriais elevados e a interlocução permanente com autores e avaliadores qualificados reforçam a credibilidade da revista como veículo legítimo de disseminação científica. Trata-se, assim, de um espaço editorial que acolhe a investigação acadêmica com seriedade, estimulando trajetórias de produção intelectual consistente, ética e socialmente relevante.

Ao posicionar-se como ponte entre diferentes culturas, idiomas e tradições científicas, a International Integralize Scientific reafirma o papel estratégico dos periódicos acadêmicos no fortalecimento da ciência global e na promoção de um conhecimento capaz de transformar realidades, ampliar horizontes e projetar pesquisadores brasileiros e internacionais em um ambiente científico de excelência.



## Expediente Editorial

A Revista International Integralize Scientific é um periódico científico mensal dedicado à promoção e disseminação de conhecimento acadêmico de alta qualidade, orientado por rigor metodológico e compromisso ético. Seu propósito central consiste em oferecer um espaço de visibilidade qualificada para pesquisas inéditas, contribuindo para o fortalecimento do debate científico e para o desenvolvimento contínuo das diversas áreas do saber. Ao assegurar processos criteriosos de avaliação e seleção editorial, o periódico reafirma sua vocação institucional de fomentar o pensamento crítico, incentivar o intercâmbio intelectual e apoiar a formação de novas gerações de pesquisadores.

### Diretor Geral

#### **Dr. Luan Trindade**

Responsável pela direção estratégica do periódico, conduz a governança institucional da revista, assegurando o alinhamento entre política editorial, expansão científica e fortalecimento das relações acadêmicas nacionais e internacionais.

### Diretora Administrativa

#### **Profa. PhD Vanessa Sales**

Docente e pesquisadora, com trajetória consolidada na área acadêmica, coordena os processos organizacionais e de gestão editorial, contribuindo diretamente para a qualidade científica, ética e institucional das publicações.

### Editor de Design Gráfico e Diagramação

#### **Balbino Júnior**

Profissional responsável pela curadoria visual, normatização gráfica e composição editorial, assegurando harmonia estética, legibilidade acadêmica e conformidade técnica das edições.

### Características do Periódico

#### **Periodicidade:**

Mensal

#### **Idiomas de Publicação:**

Português, Inglês e Espanhol

#### **Plataforma Editorial:**

Open Journal Systems (OJS)

#### **Registro Internacional:**

SSN 3085-654X

#### **Identificação Digital:**

DOI registrado e associado à Crossref

### Contato Editorial

Para esclarecimentos, submissões, parcerias institucionais ou orientações relacionadas ao processo editorial, a equipe técnica encontra-se à disposição através do e-mail:

**publicacao@iiscientific.com**

### Endereço Institucional

Florianópolis – Santa Catarina – Brasil  
Rodovia SC-401, Bairro Saco Grande  
CEP 88032-005

*A International Integralize Scientific mantém atuação editorial orientada pelas boas práticas científicas internacionais, alinhada aos princípios de integridade acadêmica, transparência editorial e responsabilidade social do conhecimento. Seu corpo diretivo e técnico atua de maneira integrada para assegurar excelência, continuidade e relevância científica em cada edição publicada.*

## Corpo Editorial e Conselho de Revisores por Pares

A revista adota um rigoroso processo de avaliação científica por pares (peer review), conduzido preferencialmente no modelo doubleblind, garantindo anonimato entre autores e revisores durante o processo avaliativo, imparcialidade na emissão dos pareceres e excelência acadêmica na seleção dos manuscritos publicados.

A divulgação institucional do corpo editorial e dos revisores por pares não estabelece qualquer vinculação entre avaliadores e artigos específicos, preservando integralmente a confidencialidade e a integridade ética do processo de revisão.

### Editora-Chefe

Profa. PhD Vanessa Sales

### Equipe Editorial

Prof. PhD Hélio Sales Rios  
Prof. Dr. Rafael Ferreira da Silva  
Prof. Dr. Francisco Rogério Gomes da Silva  
Prof. PhD Manoel Coracy Dias Saboia  
Prof. Dr. Daniel LaiberBonadiman

### Declaração de Transparência Editorial

O periódico mantém registro formal de todas as etapas do processo de avaliação científica, assegurando confidencialidade, ética, independência acadêmica e conformidade com o modelo doubleblindpeer review, no qual autores e revisores permanecem mutuamente anônimos durante o processo avaliativo.

## Conselho de Revisores por Pares (Peer Review Board)

O Conselho de Revisores por Pares é composto por pesquisadores com sólida formação acadêmica e reconhecida atuação científica. Os pareceres técnicos emitidos avaliam critérios de relevância científica, originalidade, consistência metodológica, contribuição teórica e adequação ética, fortalecendo o rigor e a credibilidade do periódico.

### Pareceristas

#### **Ciências da Educação**

Dr. Carlos Mendonça  
Dr. Marcelo Pertussatti  
Dr. Ederson Renan Pacheco de Farias

#### **Ciência da Saúde**

Dr. Daniel Laiber  
Dra. Luisa Bonadiman

#### **Ciências Jurídicas**

Dr. Avelino Thiago  
Dr. James Melo de Sousa  
Dr. Manoel Coracy

#### **Educação Inclusiva**

Dra. Fábila Roseana Souza Oliveira da Silva  
Dra. Karla Roberta Melo de Vasconcellos

#### **Tecnologia**

Dr. Flávio Lopes  
Dr. Geraldo Lúcio

#### **Editor Gerente**

**Rayane Priscila Santos de Souza**

#### **Editores de Seção**

**Karolayne Luana de Oliveira Silva**  
Eloisa Bárbara Rodrigues Lima

#### **Equipe de Produção Editorial**

**Reviane Francy Silva da Silveira**  
Priscila de Fátima Lima Schio  
Lucas Teotônio Vieira

#### **Editor Técnico**

**Balbino Júnior**

#### **Administrador do Sistema OJS**

**Vitor Santos**

**CANUDOS SOB O OLHAR DO CANUDENSE: MEMÓRIA,  
IDENTIDADE E RESISTÊNCIA NA PERSPECTIVA LOCAL**  
CANUDOS THROUGH THE EYES OF THE PEOPLE OF CANUDOS:  
MEMORY, IDENTITY, AND RESISTANCE FROM A LOCAL  
PERSPECTIVE  
CANUDOS A TRAVÉS DE LOS OJOS DE SUS HABITANTES:  
MEMORIA, IDENTIDAD Y RESISTENCIA DESDE UNA PERSPECTIVA  
LOCAL

## RESUMO

Este trabalho explora as memórias e narrativas dos atuais habitantes de Canudos, revelando uma visão interna que enfatiza sobrevivência, herança cultural e organização comunitária, em oposição à imagem de tragédia e fanatismo predominante na historiografia oficial. A metodologia qualitativa baseia-se em revisão bibliográfica sistemática, análise documental de fontes primárias e referenciais teóricos como memória coletiva, história vista de baixo e identidade cultural. Os resultados apontam para uma memória afetiva que transforma o trauma em símbolo de resistência territorial e social, propondo reparação histórica e novas pesquisas empíricas com comunidades descendentes. A história real vai contrastando com visões externas como a de Euclides da Cunha em "Os Sertões". Por meio de investigação qualitativa de relatos locais e estudos sobre memória coletiva, revela-se uma ressignificação do território como espaço de resistência e identidade viva. Os resultados indicam que os canudenses preservam uma memória afetiva, enfatizando sobrevivência e herança cultural em detrimento da narrativa de tragédia nacional.

**Palavras-chave:** Canudos; memória; história; herança; resistência.

## ABSTRACT

This work explores the current memories and narratives of the inhabitants of Canudos, revealing an internal vision that emphasizes survival, cultural heritage, and community organization, in opposition to the image of tragedy and fanaticism predominantly found in official historiography. The qualitative methodology is based on systematic bibliographic review, documentary analysis of primary sources, and theoretical frameworks such as collective memory, history from below, and cultural identity. The results point to an affective memory that transforms trauma into a symbol of territorial and social resistance, proposing historical pieces and new empirical research with descendant communities. The real history contrasts with external views such as that of Euclides da Cunha in "Os Sertões". Through qualitative investigation of local accounts and studies on collective memory, a re-signification of the territory as a space of resistance and living identity is revealed. The results indicate that the inhabitants of Canudos preserve an affective memory, emphasizing survival and cultural heritage to the detriment of the narrative of national tragedy.

**Keywords:** Canudos; memory; history; heritage; resistance.

## RESUMEN

Este trabajo explora las memorias y narrativas actuales de los habitantes de Canudos, revelando una visión interna que enfatiza la supervivencia, el patrimonio cultural y la organización comunitaria, en oposición a la imagen de tragedia y fanatismo predominante en la historiografía oficial. La metodología cualitativa se basa en una revisión bibliográfica sistemática, el análisis documental de fuentes primarias y marcos teóricos como la memoria colectiva, la historia desde abajo y la identidad cultural. Los resultados apuntan a una memoria afectiva que transforma el trauma en un símbolo de resistencia territorial y social, proponiendo piezas históricas y nuevas investigaciones empíricas con comunidades descendientes. La historia real contrasta con visiones externas como la de Euclides da Cunha en "Os Sertões". Mediante la investigación cualitativa de relatos locales y estudios sobre la memoria colectiva, se revela una ressignificación del territorio como espacio de resistencia e identidad viva. Los resultados indican que los habitantes de Canudos conservan una memoria afectiva, que enfatiza la supervivencia y el patrimonio cultural en detrimento de la narrativa de tragedia nacional.

**Palabras clave:** Canudos; memoria; historia; patrimonio; resistencia.

## 1 INTRODUÇÃO

Canudos, no sertão baiano, é sinônimo da epopeia liderada por Antônio Conselheiro, que culminou na destruição do arraial de Belo Monte por forças republicanas. Euclides da Cunha, autor de *Os Sertões* enfatizou o primitivismo e o fanatismo dos sertanejos. Este estudo propõe o olhar do canudense, recuperando vozes locais que ressignificam o evento como construção coletiva de identidade e território. A relevância reside na compreensão de como memórias locais contestam narrativas hegemônicas, promovendo uma historiografia inclusiva.

A Guerra de Canudos (1893–1897), travada no sertão do estado da Bahia, permanece como um dos episódios mais dramáticos e controversos da história brasileira. O conflito opôs milhares de sertanejos liderados por Antônio Conselheiro, considerado como uma figura messiânica e carismática, contra as forças militares da recém-proclamada República, que enviou quatro expedições sucessivas até destruir completamente o arraial de Belo Monte, conhecido popularmente como Canudos.

Durante muito tempo, a interpretação dominante sobre o evento foi moldada por intelectuais, militares e jornalistas urbanos que observavam Canudos de fora: seja pela pena de Euclides da Cunha em *Os Sertões* (1902), obra monumental porém, marcada pelas contradições do positivismo e do determinismo racial de seu tempo, seja pelos relatórios militares que descreviam os sertanejos como fanáticos, bárbaros ou reacionários. Essa perspectiva externa produziu um enorme apagamento: o canudense, sujeito central do drama, foi transformado em objeto de estudo, em cifra demográfica ou em alegoria literária.

A pergunta que orienta este artigo é: como Canudos se apresenta quando visto a partir de dentro, pelos olhos daqueles que viveram, lutaram e morreram no arraial? Que valores, práticas, crenças e formas de organização social davam sentido à existência coletiva em Belo Monte? E o que esse olhar interno revela sobre o projeto de nação republicana que os destruiu?

Para responder a essas questões, o artigo mobiliza a historiografia renovada sobre Canudos, especialmente a produção acadêmica das últimas três décadas, que incorpora fontes diversificadas, a exemplo de depoimentos dos sobreviventes, cartas, registros populares e estudos de memória coletiva, para recuperar a agência histórica dos sertanejos.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

### 2.1 Construção da memória coletiva

A memória coletiva, conforme Maurice Halbwachs, é um constructo social que molda a identidade grupal, preservando o passado em práticas cotidianas. Aplicado a Canudos, esse conceito explica como os moradores atualizam o trauma da guerra em performances autobiográficas e relatos orais, transformando o espaço geográfico em território simbólico.

Estudos como esse, trazendo olhar do canudense destacam o corpo e o movimento como vetores de ressignificação, contrapondo-se à visão exótica de Euclides da Cunha. A teoria do trauma coletivo complementa, revelando contestação às narrativas oficiais que estigmatizam o sertão.

A perspectiva teórica adotada neste trabalho articula três eixos principais: a história vista de baixo, os estudos de memória coletiva e as teorias da identidade cultural. Esses eixos permitem deslocar o foco analítico dos grandes personagens e das estruturas estatais para os sujeitos subalternos que fizeram a história vivida de Canudos.

### 2.2 História vista de baixo

A corrente historiográfica conhecida como *history from below*, desenvolvida por E. P. Thompson (1987) e aprofundada por Eric Hobsbawm (1978) e seus seguidores, propõe que as classes subalternas não são massa passiva, mas agentes que constroem formas próprias de cultura, resistência e consciência de classe. Aplicada ao contexto sertanejo, essa perspectiva convida a examinar como os habitantes de Canudos organizaram sua vida social, econômica e religiosa com base em valores que divergiam frontalmente do projeto liberal-republicano que o Estado impunha.

No Brasil, autores como José Calasans (1986), Walnice Nogueira Galvão (1972) e, mais recentemente, Marco Antonio Villa (1995), Idelber Avelar (2004) e Márcio Malta (2026) contribuíram para desnaturalizar as narrativas oficiais sobre Canudos, revelando as dimensões de classe, raça e territorialidade que estruturavam o conflito.

### 2.3 Memória coletiva e trauma histórico

Maurice Halbwachs (1990), pioneiro dos estudos sobre memória coletiva, demonstrou que a memória individual é sempre enquadrada por grupos sociais de pertencimento: família, comunidade, classe. Desse modo, para os canudenses e seus descendentes, a memória do arraial foi submetida a um processo sistemático de silenciamento, pois o arraial foi literalmente apagado do mapa, e o nome Canudos tornou-se, por décadas, símbolo de derrota e estigma social.

Paul Connerton (1999) amplia essa análise ao investigar como as sociedades transmitem memórias traumáticas por práticas corporais, rituais e narrativas orais. No caso canudense, as práticas devocionais, os relatos dos sobreviventes e as festas populares do sertão baiano funcionam como suportes dessa memória subterrânea que resistiu ao silêncio oficial.

### 2.4 Identidade cultural e sertanidade

Stuart Hall (2006) argumenta que identidades culturais são construções históricas em permanente negociação, nunca essências fixas. O sertanejo de Canudos não era o fanático descrito por Euclides da Cunha, nem o herói mítico de algumas releituras romantizadas: era um sujeito histórico concreto, formado por séculos de miscigenação, de luta pela terra e de uma religiosidade popular profundamente arraigada.

Boaventura de Sousa Santos (2002), por sua vez, oferece o conceito de epistemologia do Sul como instrumento crítico: a produção de conhecimento sobre Canudos foi, em grande medida, uma produção do Norte, advinda das elites urbanas, do litoral, do Estado, esse que ignorou ou deformou os saberes e práticas dos sertanejos. Recuperar o olhar do canudense é, portanto, também um ato epistemológico e político.

## 3 METODOLOGIA

Esta pesquisa é de natureza qualitativa, adotou-se como procedimento central a revisão bibliográfica sistemática, complementada pela análise documental de fontes primárias e secundárias relacionadas ao conflito de Canudos. A abordagem metodológica é de caráter histórico-interpretativo, orientada pelos princípios da hermenêutica histórica proposta por Paul Ricoeur (1994), que enfatiza a mediação

narrativa na construção do sentido histórico.

O corpus bibliográfico foi composto por obras produzidas entre 1902 e 2024, selecionadas com base nos seguintes critérios: relevância historiográfica sobre o período, seguido pela presença de fontes primárias a exemplo de depoimentos, cartas e registros populares que registrem a voz ou a perspectiva dos sertanejos, sendo critério ainda o alinhamento com a perspectiva analítica da história vista de baixo.

As fontes primárias utilizadas incluem os depoimentos de sobreviventes compilados por José Calasans ao longo de décadas de pesquisa de campo no sertão baiano, registros jornalísticos contemporâneos ao conflito, sobretudo os publicados na Gazeta de Notícias e no Jornal do Comércio, e relatos orais coletados por pesquisadores do Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre Canudos (NEIC/UNEB).

Esses materiais foram analisados com atenção às vozes marginalizadas, buscando identificar as representações que os próprios sertanejos faziam de si mesmos, de sua comunidade e de seu conflito com o Estado.

Dessa forma, a análise procedeu em três etapas: leitura e fichamento do corpus bibliográfico, a identificação de categorias analíticas recorrentes como a identidade, resistência, religiosidade, terra e memória nas fontes, para chegar a interpretação dessas categorias à luz do referencial teórico mobilizado.

Assim, a triangulação entre fontes diversas permitiu controlar possíveis viesamentos e ampliar a compreensão do fenômeno estudado.

## 4 APRESENTAÇÃO DE RESULTADOS

### 4.1 Canudos comunidade comunitária

Os canudenses narram Canudos não como derrota, mas como paraíso comunitário de roças férteis e fé compartilhada, trabalhos comunitários contestando a imagem de miséria absoluta. Memórias evocam o arraial como uma sociedade igualitária, onde tudo era de todos e que sustentava milhares, advindo de sítios próximos.

Hoje, o Parque Estadual de Canudos preserva memórias, trincheiras, restos mortais e relíquias da guerra, mas relatos locais sentem os eventos como ontem, integrando-os à identidade atual. Performances autobiográficas, como em obras recentes, movem corpo e território, visibilizando Canudos como vivo e resistente. A análise das fontes evidenciou quatro dimensões centrais da experiência canudense,

articuladas entre si e irredutíveis às narrativas externas que dominaram a historiografia tradicional.

## **4.2 Canudos como projeto coletivo de organização social**

Contrariamente à imagem de uma horda caótica de fanáticos, os registros disponíveis revelam que Belo Monte era uma comunidade estruturada, com divisão de trabalho, produção agrícola e artesanal, redes de solidariedade e uma vida religiosa intensa que organizava o tempo coletivo. Calasans (1986) documenta a existência de olarias, roças comunitárias, pequenas indústrias de couro e uma espécie de economia de partilha informal que garantia subsistência mesmo nos períodos de seca severa.

Essa organização interna subvertia a ordem das grandes fazendas e do trabalho servil que dominava o sertão baiano. Ao oferecer terra, trabalho e pertencimento a milhares de sertanejos expulsos ou marginalizados pelo latifúndio, Canudos funcionava como alternativa concreta, e dessa forma era ameaçadora ao modelo social vigente. Logo, do ponto de vista do canudense, não havia fanatismo: havia a construção de um mundo possível.

## **4.3 A religiosidade como código cultural e político**

A devoção a Antônio Conselheiro era, ao mesmo tempo, expressão de uma religiosidade popular profundamente enraizada na cultura sertaneja e um veículo de crítica social. As rezas, as procissões e os sermões de Conselheiro não constituíam alienação: eram linguagem política acessível a populações sem acesso à palavra impressa ou às instituições formais.

Idelber Avelar (2004) sublinha que a recusa dos canudenses ao casamento civil e ao recenseamento republicano, que eram atos frequentemente interpretados como sinal de atraso, traduzia na verdade, desconfiança legítima diante de um Estado que, historicamente havia lhes cobrado impostos, recrutado seus filhos e nunca distribuído terras.

A resistência ao Estado não era medievalismo: era memória racional de um povo que conhecia bem os efeitos concretos das instituições republicanas.

Quando Canudos foi destruída, em 5 de outubro de 1897, não ruíram apenas casas e corpos: tombou também uma ideia de mundo que assustava a República nascente. Entre os escombros, porém, permaneceu de pé um símbolo que se recusava a morrer. O Cruzeiro...

Era como se, mesmo na vitória das armas, a própria guerra reconhecesse que ali havia mais do que inimigos – havia gente, fé e resistência.

Mais tarde, quando a segunda Canudos foi erguida, esse mesmo cruzeiro voltou a se levantar no centro da nova cidade, antes que ela também fosse engolida pelas águas do açude do Cocorobó e pelo curso do Rio Vaza-Barris. (Malta, 2026, p.152).

O autor, apresenta um dos muitos símbolos de resistência que perpassou o tempo e a história, atualmente esse cruzeiro está exposto no Instituto Popular Memorial de Canudos – IPMC, para apreciação aos visitantes, pesquisadores e estudiosos diversos.

#### **4.4 A terra como fundamento da identidade territorial**

Para o sertanejo, a terra não era apenas meio de produção: era condição de existência, suporte da memória familiar e símbolo de dignidade. A defesa de Canudos com recursos militares infinitamente inferiores diante das quatro expedições militares, só se explica por esse vínculo existencial com o lugar.

Os depoimentos de sobreviventes recolhidos por Calasans são unânimes, não se lutava pela vitória, mas, para não abandonar o lugar onde os mortos eram enterrados e onde os filhos haviam nascido, a terra é sagrada.

Essa dimensão territorial dialoga com o que Boaventura de Sousa Santos (2002) denomina ecologia dos saberes: o conhecimento do sertão, seus ciclos climáticos, recursos hídricos, sua flora e fauna eram patrimônios coletivos dos canudenses, um saber prático que tornava o arraial viável em condições que seriam insustentáveis para um exército urbano.

Dessa maneira, a terra conhecida era, também, uma vantagem estratégica e por essa perspectiva muitos estudiosos dizem que a caatinga foi uma aliada para os conselheiristas e inimiga para os soldados.

#### **4.5 Memória, silêncio e reparação histórica**

A destruição de Canudos foi também um projeto de memória, o arraial foi demolido, seus moradores sobreviventes dispersados, e a narrativa do conflito monopolizada pelo Estado e pela intelectualidade letrada. Por décadas, os descendentes dos canudenses viveram sob o peso do estigma de ser de Canudos, isso era associado à derrota, ao atraso, à loucura coletiva e também à perseguição do exército.

As pesquisas de campo realizadas pela Universidade do Estado da Bahia - UNEB na região ao longo dos anos 1990 e 2000 documentaram, contudo, uma

memória subterrânea persistente através dos relatos transmitidos oralmente de geração em geração, santos populares associados a figuras da resistência, toponímias locais que preservavam a memória do arraial. Essa memória subterrânea constitui o que Michael Pollak (1989) denomina memórias subterrâneas: narrativas marginalizadas que sobrevivem à censura oficial e emergem em momentos de abertura política ou cultural.

A inauguração do Parque Estadual de Canudos (1997) e a inclusão do tema nos currículos escolares baianos e disciplina obrigatória na rede municipal de Canudos, representam passos importantes, mas insuficientes, na direção de uma reparação simbólica. A perspectiva do canudense permanece, em grande medida, incluída à narrativa euclidiana, mas, apesar de sua grandeza literária, o sertanejo permanece uma perspectiva de fora.

Os corpos de Canudos, marcados pela história, tornam-se protagonistas de uma nova narrativa. Artistas locais, movidos por uma identidade que une tradição e inovação, criam manifestações culturais que vão além do palco; feiras, festivais, exposições e apresentações de rua tornam-se palco de resistência e de celebração. (Malta, 2026, p.77).

Marcio Malta apresenta um olhar diferentemente das abordagens tradicionais, que focam na guerra, na liderança religiosa de Antônio Conselheiro ou na repressão militar, o livro privilegia as dimensões corporais, identitárias e territoriais dos sujeitos que viveram e resistiram na comunidade.

O autor analisa como o corpo dos canudenses expressava modos de vida, crenças e resistência cotidiana, enquanto a identidade coletiva se forjava em meio à luta pela terra e pela autonomia. O território, por sua vez, é visto não como espaço estático, mas como algo em constante movimento, é transformado pelas práticas sociais, pela memória e pelos conflitos.

Assim, a obra convida a uma compreensão mais sensível e plural de Canudos, valorizando a memória dos que ali nasceram, viveram e morreram, e problematizando as narrativas hegemônicas que por muito tempo silenciaram essas vozes.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O olhar do canudense resgata Canudos de estereótipos, revelando uma memória dinâmica que empodera a comunidade contra narrativas externalizantes. Essa perspectiva enriquece estudos históricos, sugerindo pesquisas empíricas com depoimentos orais para aprofundar a reintegração territorial. Limitações incluem a escassez de fontes primárias recentes, mas o potencial para turismo cultural e políticas de preservação é evidente.

Este artigo buscou demonstrar Canudos a partir do canudense e não a partir das expedições militares, dos intelectuais positivistas ou da lógica estatal que transforma radicalmente o sentido do evento. O que era narrado como fanatismo revela-se organização. Desse modo, o que era descrito como atraso manifesta-se como resistência e o que foi lido como derrota pode ser relido como afirmação de um projeto coletivo brutalmente suprimido.

A recuperação do sujeito histórico canudense não é exercício de nostalgia ou de revisionismo ingênuo: é condição de uma historiografia comprometida com a justiça epistêmica e com a reparação simbólica de comunidades que tiveram sua memória apagada. Em um país onde as desigualdades regionais ainda reproduzem, de formas renovadas, a lógica que destruiu Canudos, esse olhar de dentro continua sendo urgente e politicamente necessário.

Como desdobramentos possíveis desta pesquisa, sugere-se a realização de pesquisas de campo com comunidades descendentes de canudenses no sertão baiano, priorizando metodologias participativas e de história oral, bem como a produção de materiais didáticos que incorporem a perspectiva sertaneja para o ensino básico e médio da região e por fim, o diálogo interdisciplinar entre história, antropologia, literatura e estudos de memória para ampliar as ferramentas de análise disponíveis.

Canudos não terminou em 1897. Sua memória continua sendo disputada, e o olhar do canudense ainda permanece perturbador, inconveniente e radical. Portanto, ao assumir o olhar do canudense como eixo central da análise, desloca-se o foco das versões oficialmente consagradas que estão marcadas pelo viés dos vencedores e pela redução de Canudos a um episódio de fanatismo ou insurreição, para uma compreensão viva, encarnada e profundamente territorial daquele evento.

Enfim, Canudos persiste no gesto, na fala, na fé e no modo de habitar

daqueles que, mesmo sob o silêncio imposto pela história oficial, continuam a tecer, com seus corpos e suas trajetórias, a verdadeira trama do lugar. Olhar com os olhos do canudense é, afinal, reconhecer que a história não se esgota nos livros, ela respira, dói, dança e se refaz no chão de quem ainda chama Canudos de casa.

## 6 REFERÊNCIAS

- AVELAR, Idelber. Canudos e a Guerra dos Mundos. In: SOUZA, Eneida Maria de (org.). *Modernidades tardias*. Belo Horizonte: UFMG, 2004.
- CALASANS, José. *No tempo de Antônio Conselheiro*. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 1959.
- CALASANS, José. *Canudos não euclidiano*. São Paulo: Ática, 1986.
- CONNERTON, Paul. *Como as sociedades recordam*. Oeiras: Celta, 1999.
- CUNHA, Euclides da. *Os Sertões: Campanha de Canudos*. São Paulo: Ateliê Editorial, 1902 [Ed. crítica: 2001].
- GALVÃO, Walnice Nogueira. *No calor da hora: a guerra de Canudos nos jornais*. São Paulo: Ática, 1972.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- HOBBSAWM, Eric. *Rebeldes primitivos: estudos sobre formas arcaicas de movimentos sociais*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- MALTA, Márcio. *Canudos ao olhar de um canudense: Corpo, identidade e território em movimento*. Canudos. Ed. do autor, 2026.
- POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.
- RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa*. Campinas: Papirus, 1994. v. 1.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, Coimbra, n. 63, p. 237-280, 2002.
- THOMPSON, Edward P. *A formação da classe operária inglesa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. v. 1.
- VILLA, Marco Antonio. *Canudos: o povo da terra*. São Paulo: Ática, 1995.

